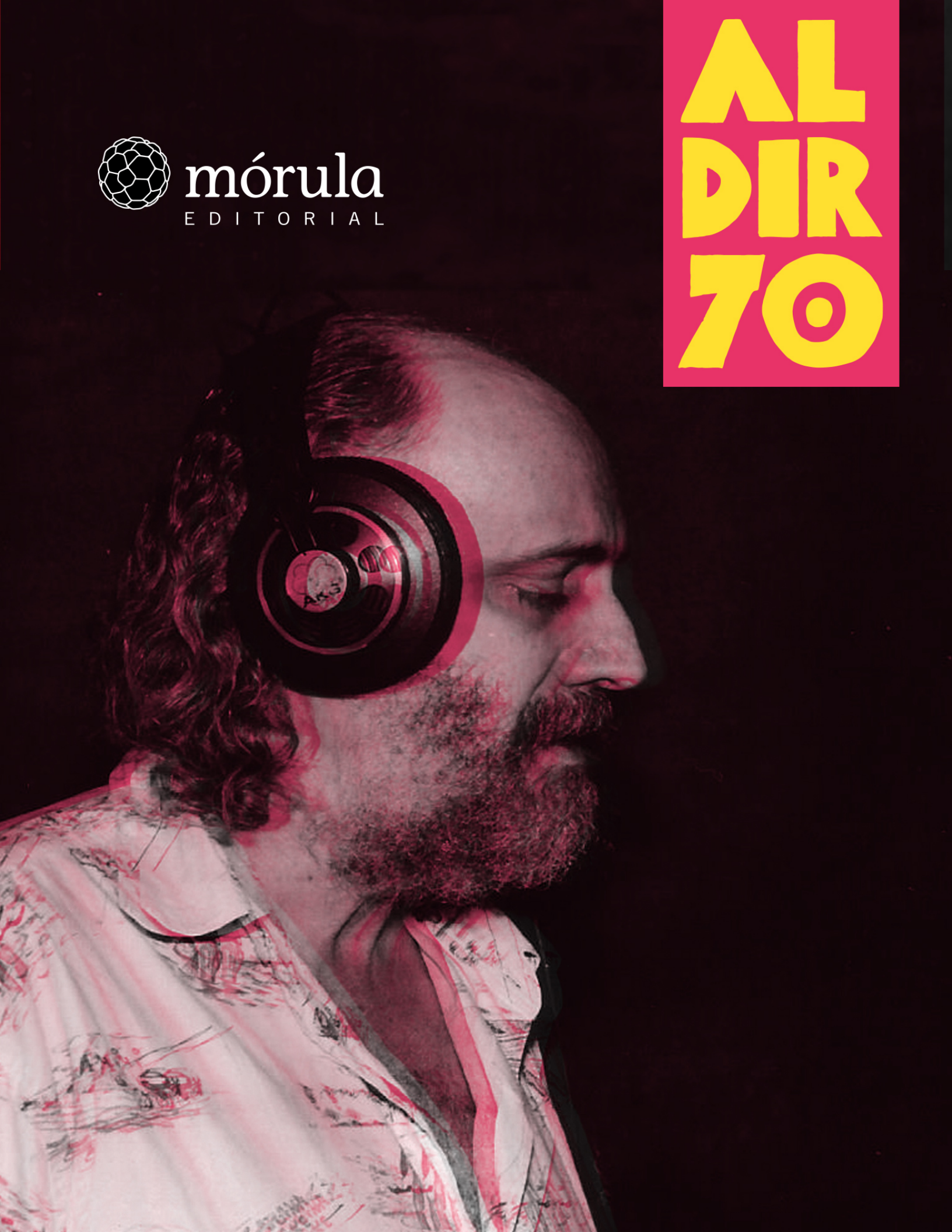
mórula
EDITORIAL

ALDIR 70



Em 2016, por ocasião dos 70 anos de Aldir Blanc, a **mórula** publicou cinco livros do autor. Reeditamos os livros “Rua dos artistas e arredores”, “Porta de tinturaria” e “Vila Isabel, inventário da infância”. Além dos textos originais, os livros receberam inserções de novas crônicas. Além deles, mais duas obras foram editadas: “O gabinete do doutor Blanc: sobre jazz, literatura e outros improvisos”, com textos publicados no site “No ponto”, e “Direto do balcão”, com crônicas selecionadas de diversos jornais e revistas, inéditos em livro.

Nessa breve seleção apresentamos 11 crônicas selecionadas desses cinco títulos, de forma mais ou menos aleatória, para que possam ter uma pequena ideia do que esses livros proporcionam. Deliciem-se.

O MEU LUGAR, MÓRULA EDITORIAL, 2016

NA RUA, ATÉ HOJE...

"...e eu que saí de casa olhando a lua
até hoje estou na rua."

[**FEITIÇO DA VILA**, NOEL ROSA]

EU NASCI NA CHAMADA RUA DA PEDREIRA (Santos Rodrigues), no Estácio, num apartamentinho escuro. A rua, na época, não tinha saída. Era muito pobre, com vários terrenos baldios. Estou só dando uma ideia do cenário. Aí, com quase quatro anos, finalzinho da década de 1940, houve a mudança — e botem *mudança* nisso! — para a Rua dos Artistas, em Vila Isabel. Os chatos insistem em afirmar que o bairro era Aldeia Campista, mas, como meu vô português botou um papel em meu bolso com o endereço, telefone e estava escrito que o bairro era Vila Isabel, foi, é e sempre será Vila Isabel. Os que discordarem podem, em fila organizada, ir à merda.

Por mais que a amável leitora ou leitor se esforcem, acho que jamais conseguirão saber o que o menino sentiu quando, pela primeira vez, viu o quintal cheio de árvores: laranjeiras-da-terra, limoeiros, jaqueiras, mangueiras e, entre insignificantes goiabeiras vermelhas, a gigantesca, o que é incomum, goiabeira branca que se curvava até o chão para que eu subisse por seus galhos a um recanto especial, onde, recostado, lia Monteiro Lobato. E sol, sol, sol no céu remendado de pipas. O quintal também tinha uma parte cimentada para acirrados jogos de futebol em que eu, sempre chegado a ficar sozinho, enfrentava o Aldirzinho, um adversário faltoso e desleal.

Outro deslumbramento eram os almoços de domingo. Se fosse Páscoa, um dia santo especial, festas natalinas, armavam uma mesa de tábuas e

cavaletes no quintal. Não raro eram 30, 40 pessoas mandando ver no garfo — e no copo, claro. Pra vocês terem uma pequena ideia, nas feijoadas, as laranjas ficavam em enormes bacias, as cervejas suavam em tinas de madeira e havia literalmente dezenas de garrafas de cachaças e batidas. Rolava de tudo: porres, brigas conjugais, concurso de charadas, alguém carregando na pimenta e se cagando em pleno repasto.

No quarto dos fundos, a estranha mesa hexagonal com centenas de lápis de cor, de cera, pincéis, tinteiros, vidros com penas, vários tipos de cadernos, carimbos, réguas, compassos e esquadros ainda de madeira, sem falar de uma tralha que eu não sabia como utilizar digna de um Harry Potter da Zona Norte. O destaque era meu imenso cavalo com rodinhas (bem maior que eu), o laboratório de química e o "cabaré". Isso aí, ca-ba-ré. Eu fechava a janela, trancava a porta, acendia um abajur velho e dançava um treco entre o tango e o vodu com as filhas das empregadas. Bom começo, né?

Aos 11 anos, como uma punhalada, me devolveram ao Estácio, pra Rua Maia Lacerda, transversal daquela em que nasci. Um antro. A infância acabou — ou quase. É inacreditável a falta de respeito dos adultos com o que pertence às crianças. Cavalo, trem elétrico, gangorra, escorrega, patinete, rema-rema, centenas de soldadinhos e carros, sacos de bolas de gude, caixas cheias de figurinhas duplicatas de vários álbuns, milhares de gibis, tudo isso sumiu da noite para o dia. Para sobreviver à esmagadora tristeza, eu "brincava de Vila Isabel". Lia os capa-e-espada fingindo que estava na goiabeira branca. Fazia longas e silenciosas viagens pelo rio Amazonas, espingarda e cigarros de chocolate ao alcance da mão. Acho que a necessidade de brincar com a mente me levou a escrever letras de música. Eu precisava sonhar. A realidade na Maia eram trabalhos de cartolina rasgados e atirados na sarjeta, raquetes de pingue-pongue Procópio destruídas, bolas furadas... O que um garoto de 12, 13 anos faz com maconheiros de 25, além de PMs, mecânicos e motoristas de caminhão de porre? Sonha com a infância dilacerada. Reconstrói a Vila, as árvores, as

chuvaradas com barquinhos de papel jogados da janela. Nesses torós, o quintal enchia tanto que apareciam peixinhos entre as árvores. Não me perguntem como.

Hoje, com 69 anos, estou escrevendo esse texto — mas não sou eu. É o menino quem lança essas garatujas no papel, o menino correndo atrás da infância, agarrado aos cacos que sobraram dela. A rua e a Vila viverão enquanto o menino viver.

PASQUIM, FEVEREIRO DE 1983

HOMEM DE VISÃO NA VILA

FOI NA ÚLTIMA FESTA JUNINA DO 257, Rua dos Artistas

O balão deu prego, foi escorado pelos fios (pauta musical do Orestes) e todo mundo achou que o danado se acabaria devagarinho quando o mundo estourou feito pluma, a luz apagou, as crianças gritaram... Aquele poeta que há muito tempo não dava o ar da sua graça, um que era meio maluco, misturou as lanterninhas:

— Esse troço foi no meu peito.

Trouxeram o lampião de querosene. O poeta deu de mostrar um três por quatro e um papel amarrotado. Ninguém acreditava, ninguém levava a sério:

— De quem será que ele roubou esse retrato?

— Tão moça, de olhinho claro, não ia gostar desse traste...

— Que solidão, né, menina? Ter que inventar uma namorada, tsc, tsc...

Ele ficava olhando o retrato e falava sozinho:

— Tô decorando ela, tô decorando elazinha... Vou botar esse papel com os nomes pra São João decidir. O que ficar mais orvalhado...

Ceceu Rico, o cético da rua, cuspiu na fogueira:

— Cada vez mais tantã. Isso que ele tá falando é samba-canção do Lupicínio.

— Não cospe na fogueira que tu fica seco.

A Lua apareceu de caipira, as manchas escuras feito sorriso onde falta dente ou bigode de rolha queimada. O festival de comiseração continuou:

— Dá um pouco de quentão pro coitado.

— Dá não. Ele ficou assim por causa da bebida.

— Que isso? Sujeito só bebe que nem ele quando sente a agonia do peru de véspera, cumpadre. Bebida só mata quando o tira-gosto é tristeza.

— Isso parece frase dele.

— Pô, não sei se agradeço ou se fico ofendido.

Velho dilema de quem é amigo de poeta.

Dançaram a quadrilha. Tuninho Sorvete chamuscou de novo as calças remendadas na fogueira. Meu avô Aguiar prendeu as rodinhas no cabo de vassoura. Um buscapé matreiro beijou a bunda da Isolda. Nunca se viu tanto voluntário pro Corpo de Bombeiros. Ela rebolou mais que Rainha do Bafo da Onça. Fagulha pra todo lado. Penteado deu um gole na branquinha e gozou o rescaldo:

— A calça dela ficou entre dois fogos...

Lindauro não tirava a mão do hidrante e a Deysinha abriu a torneira:

— O balão lambe e tu é que fica com a língua de fora, otário.

— Não chacoalha, tá? Manjo teu repertório. Tás na bronca porque tua bucha anda pingando muito breu.

— Tu fala de *boca-cheia*, Lindauro. Peraí que eu vou apanhar uns amendoins pra tua tromba. Tás precisando...

— Ah, vai tomar no...

— Tomate cru é na salada, teu cu é pra garotada.

Nem Santo Antônio, o casamenteiro calhorda, pacificaria aquele Oriente Médio. Mas o tal poeta, com certeza por ser meio maluco, pegou o violão e cantou como se estivesse no sonhado Papel Carbono, ao lado da inesquecível missiméri:

Tenho certas manchas no passado,
outras hei de ver no teu pescoço...
Ah, eu queria ser moço
pra dizer à mocidade
que ela brinca de "já era"
mas o que era hoje é você.
Um tremor rindo na boca de criança
que não esconde mais a fêmea e
o que ela quer.
Nada é mais profundo e verdadeiro

que o desejo solto na mulher.
Não adianta fugir desse encontro,
Não adianta evitar meu caminho
somos ambos cobra, ambos passarinho.
Meu fascínio é você que gera.
Teu olhar me enreda,
pago na mesma moeda,
minha bela fera.

Deu um branco momentâneo na festa e no texto.

O pessoal há havia virado poema do Manuel Bandeira, todos deitados dormindo profundamente, quando uma espécie de fada tocou a campainha — ninguém ouviu! —, fez carinho no bêbado — ninguém viu! — e voltou pro céu num bojo enorme, meio tangerina, meio charuto, com uma alegoria que lembrava a metade de um coração, ou a letra C, ou um pedaço de serpentina, ou uma estrela cadente, sei lá...

No meio da noite despertei, fui pra varanda olhar o céu e sou a única testemunha de tudo.

Mas acreditem, não me levem a sério, que eu também costumo beber e sonhar acordado.

PASQUIM Nº 362

REVOLTA NA VILA

AQUELE OITI CRESCEU JUNTO COMIGO. Enchi, muitas vezes, meu pequeno regador verde na bica do jardim pra dar de beber ao meu amigo. Fiz, é verdade, um ou outro xixizinho nele. Mas tudo na maior camaradagem. Sempre repartiu comigo a terra que o alimentava, pra que eu enchesse o balde e as forminhas de praia nas tardes em que batia a saudade da ilha de Paquetá. Nunca me deu esporro nos momentos que gravei meu nome, a canivete, em sua pele. Sabíamos que era uma coisa dolorosa e difícil de explicar, mas, quase sempre, são assim as grandes amizades. Salvou muitos gols dos inimigos nos jogos-contra, trave heroica. Jamais enredou em seus ramos honestos a linha da minha pipa. Nunca mais vou esquecer sua alegria no supercampeonato de 58, Vasco doente, balançava os galhos com a conquista do título, e eu repetia, todo emocionado:

— Casaca, oiti. Mais uma estrela na nossa bandeira.

Tinha o dia em que as árvores da Rua dos Artistas cortavam seus cabelos verdes. Vinham os cadetes da L.U. e deixavam as calçadas cobertas de galhos, que nem ficava, assim de cabelo, o chão da barbearia do Seu Teófilo. Meu amigo oiti usava um corte parecido com o meu, "Príncipe Danilo", e eu mandava selo, carimbo, estampilha nele. Coração que não cabia no tronco, se preocupava muito com os ninhos que sustentava e, nos dias de vento, eu ficava tranquilizando da janela:

— Calma que tá tudo bem.

Esse negoço de elogiar muito um amigo costuma acontecer quando o cara empacota e é sempre a maior xaropada. Meus prezados leitores vão me desculpar, mas é que no caso do oiti não foi morte natural. Ele foi assassinado covardemente por uma imobiliária sem escrúpulos, sem mãe,

em nome do pogresso. Pogresso é que nem, nos apartamentos que eles mesmos constroem, o que acontece nos tais respiradouros do banheiro: Você ouve o barulho, mas não sente o cheiro. Fica aí a sugestão para slogan do Sérgio Dourado.

Pois é, meu amigo dançou. Mas vai ter forra. Em cada morador da Vila cresce, prodigiosa, a revolta. Protestaremos sempre contra mais esse crime, nós, os sanhaços, os bem-te-vis, os coleiros, as tímidas juritis a quem ele abrigou; nós, os vira-latas, que urinamos em seu tronco amistoso; nós, os bêbados, que vomitamos amparados em seu ombro compreensivo; nós, os varredores das ruas, que limpamos a testa à sua sombra; nós, as crianças que nos escondemos atrás de seu corpo, trinta e um de janeiro, lá vou eu; nós, goiabeiras, avencas, samambaias, pequenas ervas sem nome, protestaremos contra essa covardia, irmãozinho.

E traremos, aliadas, as cigarras, com seu otimismo, e elas convidarão os decididos grilos de Vila Isabel, os mais boêmios da cidade.

Virão sabiás e pintassilgos, cágados e cabritos, gatos vadios e papagaios que falam palavrão. A denúncia desse crime estará nas pipas pastorinhas dos carneiros do céu; estará nos balões — do mais humilde balão japonês passando pelos grandes balões-tangerina cheios de lanterninhas até o balão visto pelo Zeca em Cachambi retratando, com cento e trinta e um figurantes, a Queda da Bastilha. A denúncia desse crime estará nas estrelas e na lua — na lua, que vezes incontáveis mascarou-se, linda, com teus galhos. Criaremos códigos e senhas. O apito do guarda-noturno contará que te mataram. Contará que te mataram o assovio das facas do amolador. O grito do garrafeiro falará dessa covardia, assim como os livros de histórias, os gibis e as figurinhas. Leremos mensagens no desenho das nuvens, conspiraremos com os botões e as pétalas da primavera, ouviremos os conselhos das sábias folhas de outono. Seguirão notícias em gaivotas nas salas de aula e em barcos de jornal nas enchentes provocadas pelas chuvas de verão. O Penteado, tremendo gozador, inventará lorotas sobre o passado

dos donos de imobiliárias atrás da bananeira. E o Esmeraldo passará, uma por uma, as mulheres deles na cara.

Porque sabemos que deve haver um pedaço teu, meu amigo, vivo. Embaixo da terra, em algum lugar, há um pedaço teu. E vivo.

E nós, que com nossos olhos secos e amargurados, com nossos galhos cobertos de fuligem, com nossas plumagens descoloridas, nós que, testemunhando mais esse crime, não deixamos que morresses de todo, nós vamo partir pra briga.

Volta logo. Combateremos à tua sombra, e que não falte cachaça e cervejinha pros nossos rapazes.

Volta logo, que nós vamos botar de novo as cadeiras na calçada e distribuir maços de Lincoln e chupar rebuçado e vestir pijamas de listras e usar chapéu panamá.

E cada vez que ouvirmos burrices do tipo "é preciso assumir" ou "o bom senso deve prevalecer", responderemos, orgulhosos do que somos: dá o pé, louro! E mais: uma aqui pro nossa-amizade!

E, como golpe de misericórdia, a terrível sentença: conheceu, papudo?

Volta logo, e traz com você muitos bondes, bondes cheios de passarinhos e cachorros, mariolas, petecas e sonhadores. Faremos subir novas pipas com a forma dos nossos sonhos, novos balões que derramam lágrimas de ouro barato, e depois virá a lua, e desfilarão os ranchos e seremos todos palhaços, índios, piratas, e todos usaremos sutiã de casquinha de sorvete e nos apaixonaremos pela mesma deslumbrante odalisca, arrumadeira do 257.

As crianças baterão nos postes, como nas antigas noites de Ano-Novo. Acenderemos fogueiras e brincaremos de roda, nós, pássaros, nós, árvores, nós, homens, ao som da flauta inesquecível do Benedito Lacerda, do violão de Noel.

Vovó Noemia fará uma feijoada, coisa simples, e convidaremos Cosme e Damião pra ouvir as piadas do Waldyr Iapetec, a Maria da Ave pra ajudar

minha vó, Papai Noel pra levar um esporro e parar de ficar feito prostituta em porta de loja; convidaremos o coelho da Páscoa (ô cara chato!), o santo casamenteiro pra tomar umas batidas feitas pelo Lindauro, o Pena Branca, todos os avôs do mundo, que é tão difícil a alegria sem avô, o lago da Quinta da Boa Vista, os brinquedos do Parque Shangai, os personagens do presépio, o time supercampeão do glorioso Vasco da Gama, os ciganos do carro-preto, o Armindo, que também foi assassinado, a turma toda, até o Ceceu Rico, que não gosta de festa. Que participem da nossa conjura abilolada, da nossa inconfidência delirante.

Pode ser que os sicários do verde, os carrascos da esperança, os verdugos da alegria — em nome do pogresso — tentem nos dispersar a cacetada, e imponham o toque de silêncio a nossas flautas e violões e declarem estado de sítio nos fios, telhados e copas verdes onde zoneiam nossos passarinhos.

Será inútil, imobiliárias sem escrúpulos, sem mãe: a Vila avisa que resistirá até o último pardal, até o último oiti, até o último sonhador embriagado.

PASQUIM Nº 435

O CASO DO TROCADOR SILENCIOSO

O TROCADOR É UM MODELO DE INSTITUIÇÃO BRASILEIRA. Porque, fazendo jus ao título, não troca absolutamente coisa nenhuma. E quando troca, exemplifica de maneira esplêndida a expressão "dar o troco" atirando moedas e caraminguás nos cornes do freguês.

Aproveitando o rebote dos dias do mestre, do médico, da criança e outros bichos, eu, na qualidade de defensor dos fracos e oprimidos (por preços módicos e com direito a pechincha), sugiro aos nossos atarefados políticos a criação do Dia do Trocador. Nesta data querida, o citado profissional teria o direito de revidar, com um soco na cara, qualquer atrevimento do tipo nota de cinco, de dez etc... Bom etc. aí é meio sobre a retórica porque pobre quando vê nota de cinquenta pra cima, trata logo de se livrar dela, antes que os hôme arranjem alguma acusação em seu vasto repertório.

— Onde tu arranjou essa nota? Canta logo!

— Conceiçãããão...

PÔU!

Mas, como diz o Penteado, toda regra tem exceção e toda exceção caga regra.

O Tinoco, lá do Estácio, foi o único trocador que eu conheci que não só cumpria rigorosamente seu dever como, de quebra, distribuía agradecimentos e sorrisos. Aqui entre nós, o motivo dessa conduta insólita era a Janete. Platinada, graça ao conhecido tônico capilar Louramil, Janete lembrava um pouco a Marilim Monrôu — como gostava de dizer o Tinoco, o que, é bom frisar de passagem (já que falamos em trocador), engrandece a

Janete. Tinoco detestava referências a coisas “do estrangeiro. O Brasil dá de zero em tudo”.

Toda sexta-feira, dia de folga do Tinoco, Janete melhorava o astral da casa com o defumador Indiano, e nosso herói andava atrás dela, de cueca, na maior bolinação.

— Peraí, Cocô! Parece que tem bicho-carpinteiro. Isso aqui é coisa séria...

Ah, o encanto de certos apelidos íntimos!

Acabavam na cama. Durante os chamados folguedos eróticos, Tinoco era silencioso e compenetrado, e Janete era penetrada com a maior gritaria.

— Agora, meu amor! Fala! Diz uma coisa daquelas no meu ouvidinho.

E o Tinoco hum, ai, hum, ai, hum, ai, e mais nada.

Depois, Janete ficava um pouquinho triste. Bem que disfarçava, mas seu rosto traía um pensamento oculto parecido com o dos compositores ao receberem direitos autorais do ECAD: (é como se faltasse alguma coisa).

Tinoco reparava na tristeza da Janete e, fazendo cafuné, prometia:

— Da próxima vez eu falo. Fica triste não, neguinha. Juro que da próxima vez eu falo.

E Ihufas. Na hora do lesco-lesco, Tinoco, que nem as Otoridades, não tinha nada a declarar.

Perturbada por esse silêncio, Janete decidiu ir a um afamado Centro Espírita na Travessa do Carneiro, a Tenda “Esperança e Ray-O-Vac” — a coisa tá tão preta que até os espíritos da luz estão de lanterna.

No tal centro, Janete contou o problema ao caboclo Pena Poluída, que, após prescrever o Pó Solta-a-Língua, deu-lhe uns passes contra mau-olhado e repetiu três vezes:

— O negoço tá mais pra palmito que pra beija-flor.

Em casa, Janete preparou a beberagem amaciada com a cachaça “Insumos Básicos” e explicou pro Tinoco:

— Bebe de uma vez só. O caboclo disse que é tiro e queda.

De fato, porém mais pra queda do que pra tiro. Entre huns e ais, o Tinoco deixou cair:

— Meus concidadãos! Ai... numa conjuntura econômica que... hum... se define por um aperto... ai... os elementos divisionistas... hum...

E por aí afora. Ou adentro.

Janete chorou a noite inteira, enquanto o Tinoco, desolado, fumava na sala, andando pra lá e pra cá.

Sexta-feira seguinte, Janete voltou ao centro com o Tinoco a tiracolo. O caboclo Pena Poluída ouviu tudo, recomendou que a dosagem do remédio fosse triplicada, e pediu que o casal repetisse com ele a exortação:

— Se falar não fosse fácil, onde estaria o José Bonifácio? Boca abre à toa que nem janela. Vide Petrônio Portela.

Pra encerrar, Pena Poluída ajoelhou-se, bateu três vezes com a testa no cimento e foi levado com fratura do frontal pro Souza Aguiar, saravá!

De alma lavada, os pombinhos esvoaçaram pro ninho no maior agarramento. A preliminar foi tremenda. Tinoco disse coisa de ruborizar a própria torcida do Curintia. Mas no jogo principal ficou ruço. Já tava na prorrogação e só pintava hum, ai, hum, ai, hum, ai... Janete, desesperada, sabendo que essas coisas não se resolvem em cobrança de pênalti, apelou pro patriotismo do Tinoco:

— Fala, desgraçado! Me xinga! Honra o trocador brasileiro!

Tinoco avermelhou como se fosse explodir e:

— F... f... f...

— Isso querido! Diz!

— F... f... favor dar um passinho a frente que o meio do carro tá vazio!

AMOR DE MÃE

DONA LUCÉLIA. Taí uma coroa que eu admiro. Sua luta pra educar as três filhas é matéria obrigatória nos papos de Paquetá. Viúva desde muito moça, Dona Lucélia batalhou que não foi brincadeira, mas conseguiu seu intento: Helena Lúcia, Lúcia Helena e Lúcia Lucélia terminaram brilhantemente os estudos, ganham muito bem, são prendadas e, ainda por cima, bonitas. E nem pensem que o trabalho de uma vida inteira bitolou a visão de Dona Lucélia. Nada disso. Suas preocupações abrangem um campo vasto e complexo:

— Só vou me realizar mesmo como mãe no dia em que souber que as meninas são felizes na cama como eu fui com o falecido.

E depois de um longo suspiro:

— O falecido era, como se diz por aí, um homem muito bem-dotado. De caráter também.

O grande sarro é que Dona Lucélia acabou inventando um "teste" que asseguraria noites felizes pra sua ninhada: o Teste da Lâmpada.

Toda vez que uma das meninas entrava em casa com um pinta e contava que havia noivado à vista, Dona Lucélia aplicava o infalível teste da lâmpada, de forma a deixar também à vista dela certas qualidades do pretendente que o decoro impedia a exibição.

Casalzinho arrulhando doçuras no sofá da sala e Dona Lucélia aparecia com um velho calção do falecido Vivaldo — que Deus o tenha! — nas mãos. O referido calção, uma peça de museu, era guardado exclusivamente pro teste.

— Meu filho, não repara eu interromper assim o namoro de vocês, mas é que eu tô precisando com urgência trocar a lâmpada do banheiro de empregada.

O pretendente, geralmente interessado em cair nas boas graças da coroa, se oferecia de cara. E aí é que a bola era lançada em profundidade:

— Faz o seguinte: lá tá meio empoeirado e vai sujar tua roupa. Tem aqui esse calção do falecido...

Neguim tentava escapar:

— Precisa não. Minha calça é velha mesmo e...

Mas Dona Lucélia não cedia um milímetro. Fechava a cara e deixava bem claro que a cotação do noivo tava caindo de cabeça:

— Olha aqui, meu chapa: não há nada de errado com o calção do falecido. Ele não morreu de nenhum treco contagioso e eu considero sua atitude um insulto à memória dele.

O quase noivo perdia o rebolado:

— Não! Por favor, não se ofenda! A senhora interpretou mal as minhas palavras. Eu... eu até simpatizei com o calção e...

— Então veste!

Ficava, pra variar, meio largo.

A própria Dona Lucélia armava a escada e ficava embaixo.

— Pode subir sem susto que eu seguro.

Bom, o calção era estilo vista-pro-mar e o suporte tinha sido cortado por Dona Lucélia. Pra facilitar a observação do objetivo.

— Tudo bem, meu filho?

— Ué, a lâmpada tá perfeita, Dona Lucélia.

Neste exato momento da peleja, a filha interessada dava a senha:

— Não há perigo de *curto,* mãe?

Dona Lucélia olhava de novo pela perna do calção e garantia:

— De jeito nenhum. É filamento pra ninguém botar defeito. Tás numa boa. Quer dizer, tamos todos numa boa contra a falta de luz, hi, hi, hi...

E assim, queridas leitoras, Helena Lúcia ficou noiva. Logo depois foi a vez de Lúcia Helena. Os rapazes eram tipos comuns: nem altos nem baixos,

boas-praças, salários médios, por aí. E Dona Lucélia em paz com o sucesso do teste.

Na vez da caçula, Lúcia Lucélia, apareceu um tal de Renatão, de Mercedes esporte, boa-pinta pra burro, cheio da nota. Mas, infelizmente, o teste da lâmpada foi um redondo fracasso. Quando a garota perguntou pelo perigo de *curto,* a coroa perdeu as estribeiras e foi definitiva:

— Curto? Pra mim esse pavio já pegou fogo e não sabe. Até um recém-nascido tem mais argumento. Lúcia Lucélia, saiba que eu desaprovo essa união. E o senhor aí, faça o favor de devolver o calção do falecido.

A COINCIDÊNCIA

CONHECERAM-SE NA FEIRA. Jorge estava apoiado no cabo do velho guarda-chuva tentando tirar alguma coisa agarrada à sola do sapato, quando teve sua atenção atraída por uma reclamação:

— Puxa, mas o preço do tomate tá uma indecência!

Por uma dessas caraminholas da mente, a soma de tomate e indecência deu, na cuca do Jorge, um resultado bastante diverso do real. Jorge procurou a dona da voz e constatou que todas as besteiras esboçadas no bestunto eram poucas diante daquele — sentiu o cheiro de outra barraca — peixão. Forçando a abordagem, Jorge, que detestava tomate, juntou seus mais veementes protestos aos dela, chegando a fazer uma ridícula imitação de um personagem de tevê:

— O tomatal tem que tomatar!

A moça achou graça e Jorge completou com um galanteio na medida:

— Mas meu negócio não é número. Meu negócio é me apaixonar de repente — numa feira, por exemplo — e levar meu novo amor pra conhecer meu apartamento, aqui pertinho. Todas ficam amarradas em minha vista pro mar.

A moça, que normalmente repeliria uma entrada de sola, caiu na esparrela:

— Seu apartamento tem vista pro mar? Aqui?

— Meu apartamento dá pra um terreno baldio. *Eu* é que dou vista pro mar. Espia bem nos meus olhos: verdinhos, né?

Uma expressão de carinho surgiu no rosto da moça e Jorge sentiu que era só dar mais um pouco de linha antes de usar o cerol. Ficou propenso a utilizar a tática aprendida com a edificante leitura de *O Último Tango em Paris*: nada de nomes.

A verdade é que o Jorge tinha certa bronca do seu nome:

Jorge Goulart Cauby Peixoto da Silva. O *da Silva* era de sua mãe, assídua frequentadora da Rádio Nacional nos áureos tempos dos grandes programas de auditório. Mãe solteira, colocara no filho seu modesto sobrenome coroando a fusão dos nomes de seus maiores ídolos. Jorge achava tudo isso meio ridículo e só declarava o nome completo em caso de absoluta necessidade.

E a necessidade surgiu quando a moça, já devidamente cantada, teve um capricho maluco:

— Vou, mas quero ver tua carteira de identidade. Você tá escondendo alguma coisa de mim.

— Mas, minha flor...

— Não tem mas-mas. Ou mostra a carteira ou fica na saudade.

Jorge cedeu. A moça, ao contrário do que Jorge esperava, não riu:

— Que estranho! Imagina você que meu pai era assíduo frequentador da Rádio Nacional e...

Aterrorizado, Jorge interrompeu a moça:

— Como é teu nome?

— Jezebel Conceição de Souza.

Ô mundinho danado de pequeno — pensou o Jorge, de pau, quer dizer, de guarda-chuva na mão.

MENINOS, EU VI

VI, SIM. ORA SE VI. Eu não sou o Piu-Piu e não vi um gatinho. Eu vi a luz. Calma. Não estou delirando, tenho bebido moderadamente e também não ando queimando baseados colombianos. Eu vi a *Luz das cordas*, CD de Marco Pereira e Hamilton de Holanda, um dos mais importantes trabalhos instrumentais brasileiros nos últimos cinquenta anos.

Tivemos durante o ano 2000 muitas *manitas del plata* querendo aparecer: George Benson, John Pizzarelli, Robert Cray... Mas na hora da luz, o jogo ficou todo a favor de Marco Pereira e Hamilton de Holanda. O pessoal foi saindo de fininho, ofuscado.

Fiz um teste interessante, aqui em casa. Deixava as pessoas conversando no escritório e botava, na maciota, *Luz das cordas*. Teve de tudo: amigo chorando feito criança, moça entrando em transe catatônico, o diabo. Podem conferir.

Eu vi as extraordinárias caixas de CDs de Noel Rosa, Dorival Caymmi e do SESC São Paulo.

Eu vi, *O quinteto de Buenos Aires,* de Manuel Vázquez Montalbán, reduzindo o ego maradônico dos argentinos a extrato de pó de pum da pulga do cavalo do bandido. Depois desse livro, especialmente pelos capítulos "A guerra das Malvinas" e O filho natural de Jorge Luis Borges", aqueles tangueiros nunca mais serão os mesmos.

Eu vi *Os leopardos de Kafka*, de Moacyr Scliar, na mesma coleção de *Borges e os orangotangos eternos,* de Luis Fernando Verissimo. A crítica pode – e deve – falar o que bem entender, mas os dois livros são excelentes.

Eu vi, de Alberto Manguel, autor de *Uma história da leitura* e de *Stevenson sobre as palmeiras,* o delicado *No bosque do espelho*.

Vi, arrepiado de horror, *Autópsia do medo – vida e morte do delegado Sergio Paranhos Fleury*, do grande repórter Percival de Souza, onde aparece logo no começo, já aprontando, o Nicolalau.

Vi a Coleção Negra, da Record, completando com *White jazz*, o Quarteto de Los Angeles, de James Ellroy.

Vi a caverna do Saramago e os crocodilos do Lobo Antunes, como o Binho, cada vez melhores, perseguidos pela paixão de Pepetela.

Vi e revi Paulo Mendes Campos. Vi Fausto Wolff, que deve estar escrevendo vinte e quatro horas por dia. Vi *Pai morto, vivo*, de Ricardo Gontijo e *O Espelho de Egon*, de Horácio Soares.

Bebi na *Ipanema* do Jaguar e dancei com os *Atabaques, violas e bambus*, do Paulo César Pinheiro.

E andei tendo umas lições sobre *Do Amor ausente*, do jovem e talentoso escritor Paulo Roberto Pires. Será parente do outro, que já bebeu várias vezes aqui no cafofo?!

COLTRANE E MINGUS

JAZZ É VÍCIO. Não tem essa história de flertar com o lance, brincar com o material, dar uma cafungadinha e voltar, são e salvo, para o aprisco (béééé!) familiar.

Jazz é feito paquerar a cunhada, passar a mão na mulher do amigo, beijar no elevador a colega de trabalho: começa leve, mas deixa cicatrizes profundas.

Imaginem um garoto do Estácio, daqueles bem amalucados, com as canelas recém-cobertas pela calça comprida e ainda cheias de mercúrio cromo devido a um tombo de bicicleta em Paquetá, entrando na velha Palermo, no Largo da Carioca, e saindo com um embrulho de discos, as fotos deslumbrantes, Oscar Peterson, Dave Brubeck, Stan Getz, os primeirões.

No dia seguinte, a fera já está diferente. A mãe, intuitiva, desconfia que seu bebê começou a queimar fumo com os vagabundos do morro do São Carlos. Ainda não. Foi o jazz. A cara do adolescente parece coisa de filme B, "Invasores de Cassiopeia", essas loucuras. Os amigos de esquina, sem o clássico dente da frente e sapatos tô-na-merda, ainda gostam de Elvis Prestes, talvez um parente distante do lendário líder comunista, e do Lirôu (o acento era aí mesmo) Richa – mas o bicho já viajou pra galáxias muito além do Carl Sagan.

Já que tocamos no assunto, não há no jazz, com a possível inclusão de Bud Powell e Charlie Parker, seres de planetas tão fascinantes como John Coltrane e Charles Mingus.

A série *The very best of the Atlantic Years*, presta serviço inestimável aos jovens jazzófilos lançando os discos dos dois gigantes. O ouvinte que continuar o mesmo depois de "My favorite things", "Summertime" e "Body and soul" pode dirigir-se ao Jardim da Saudade e cavar a própria sepultura.

Já está morto. O mesmo vale para “Pithecanthropus erectus”, “Reincarnation of a lovebird” e “Cryin’ blues”. No CD de Coltrane ainda podem ser ouvidos, de quebra, Wynton Kelly e o jovem (na época) McCoy Tyner, além das aulas de contrabaixo dadas por Paul Chambers. Dannie Richmond, um dos maiores bateristas de jazz de todos os tempos, bota – e tira – o trem nos trilhos para Mingus.

Os viciados conhecem de cor e salteado as faixas, mas jamais se cansam delas. Já os novatos começarão – garanto que é muito melhor que essas frescuras de magos na estrada de Damasco – a percorrer as sagas jazzísticas de Coltrane e Mingus: um aspirou atingir a divindade com seu sopro. Por ironia, e a história da música está repleta delas, quanto mais alto voava, piores as visões do inferno. O outro passou a vida toda no inferno sem saber que era um deus.

ARTISTAS DA RUA

A medicina bate à porta

TENHO TANTA RAIVA DE TELEFONE que costumo atender com um rosnado.

— Blanc?

— Infelizmente.

— É o Baiano, meu nego. Mas se você vai escrever sobre isso, não esquece de registrar que meu nome é Wilson Flora, senão o pessoal lá na minha terra não acredita.

— Tá.

— Eu queria fazer uma rápida consulta médica, por telefone mesmo. É o seguinte:...

— Baiano, você sabe que eu detesto esse troço. Parei de clinicar na década de 70. Logo, o máximo que sou, hoje em dia, é uma espécie de palpiteiro com curso superior, que, no meu caso específico, foi bastante inferior.

— Mas é coisa simples. Andei bebendo demais e o médico me pediu tanto exame que eu comecei a passar mal só de ler a relação.

— Hum... Que tipo de exame?

— Glicídios, lipídios, adílios, otacílios...

— Você já bebeu hoje?

— Pra tomar coragem de ligar pra você. Eu tenho horror dessas conversas sobre doença.

— Eu também, Baiano. Parei por causa disso.

— Mas é diferente, Blanc. Você viveu durante anos essa dura realidade, eu diria mesmo heroica, nas condições em que se faz medicina em nosso

país, e teve um papel preponderante, ainda que por pouco tempo...

— Higiênico.

— Hein?

— O papel. Você tá tentando me vender *outro* carro? Se essa conversa acabar com a descrição de um modelo 88 de caminhonete, uma joia, que apareceu na agência, em perfeito estado, um milagre etc., na próxima vez que a gente se encontrar, eu vou armado.

— Não, nada disso! Poxa, Blanc, até parece que eu, em minha honrada profissão, me comporto feito um escroto qualquer.

— Errou só por um pequeno detalhe: um escroto qualquer vende carro com um mínimo de consideração pela vítima. Você, não. Você é Medalha de Ouro em todas as modalidades de escrotidão, 4 x 100, com ou sem vara, em distância, em altura... Você apronta sacanagem até em jogo de peteca.

— Compreendo seu mau humor. O Vasco ainda não convenceu, o Edmundo é uma incógnita, e você...

— Isso não tem nada que ver com o Vasco.

— Tenho um favor pra te pedir. O cara que está monitorando meu quadro (gostou dessa?), quer... bem... sejamos diretos: um exame de próstata, e eu me recuso a permitir que um desconhecido me dede. Escolhi você.

— Quer que seja no Canecão, com show de mulatas, noite de autógrafos etc.?

— Só te peço que pense no meu caso com carinho. Bom, tenho que sair. Vou a uma dessas casas de instrumentos musicais.

— ???

— O médico disse que vou fazer uma verdadeira bateria de exames. Tô indo comprar um surdo e um apito. O laboratório que se exploda, mas *minha* bateria sem surdo e sem apito, nem pensar.

O VOLANTE-DE-CONTENÇÃO

DE REPENTE, NÃO MAIS QUE DE REPENTE, como nos versos do Poetinha, surge, em nosso burocratizado, corrupto e tapetudo futebol, uma figura das Arábias, digna das atuações da seleção brasileira naquela Copa lá, nos Emirados Afegãs, Floriano Faissal, ou coisa parecida. Refiro-me ao "volante-de-contenção". Perdemos os pontas, ganhamos alas, *overlaping*, ponto futuro, elemento surpresa, o diabo. Na zona do agrião dessa confa, cresceu a nefasta importância do cabeça-de-área, dando carrinhos que maltratam a grama, dos quatro ou cinco defensores com um na sobra e mais quatro à frente da zaga dando proteção e dois atacantes recuados guardando aqueles que protegem a zaga e... bom, já tem onze e ninguém chuta em gol. Diante de tanta cautela defensiva, vemos, estarrecidos, a seleção tetra campeã do mundo, com seus volantes-de-contenção, não conseguir cobrar um único e escasso corner direito. Vai ver, a suprema tarefa do volante-de-contenção é ganhar a tal da segunda bola, que, como diz o Tostão, não existe, mas está quicando em todos os comentários abalizados. Eu já perguntei no Bar da Maria se volante-de-contenção é um nome bacaninha pra leão de chácara ou se traduziram mal *air bag*, mas são tantas as teorias e os fundamentos que ninguém soube responder. Acredito que esteja ocorrendo um fenômeno linguístico: falta criatividade em campo na proporção em que abundam terminologias abiloladas. Puxando a brasa pra minha requentada sardinha de ex-psiquiatra, aqui vão algumas posições que podem não mudar bosta nenhuma, mas gerarão o maior auê na França. Como se sabe, francês adora a parte teórica da coisa:

— **VOLANTE PARANOICO DELIRANTE** - Arma confusão no meio de campo, recuado, gritando "Olha a segunda bola nas costas!". Forte latência

homoerótica. Quando é substituído, acusa o massagista de conspirar com antenas parabólicas para prejudicá-lo. Já sedado, refere-se a Bruno Quadros como "uma grande promessa". Aí o médico aumenta a dose.

— **MÉDIO CATATÔNICO AGUDO** - É muito difícil explicar a um leigo suas funções. Lembra um pouco o desempenho de Zinho em 94, passando por Jamir no Flamengo e certos lampejos de César Sampaio, na Arábia, em seus momentos mais criativos.

— **AUTÔMATO AMBIVALENTE** - Cumpre religiosamente as determinações da comissão técnica e é Soldado de Cristo ou carrasco de alguma seita. Caracteriza-se pelo fervor com que defende sua bandeira, mas, quando menos se espera, chuta o pau da barraca e joga contra o patrimônio. Dizem que o Taffa sofre desse troço. Sei lá.

— **MÉDIO FIMOSE** - Dá total cobertura ao cabeça de área.

Um adendo: gostaria de descrever rapidamente o terrível quadro clínico conhecido como Logorréia Espamofílica seguida de Estupor — o Mal dos Técnicos. Começa com falação intensa, acrescida de rubores, fúria, desejo de ser engolido e convulsão. Quando volta a si, o técnico segura a mão do supervisor e pergunta quem ganhou: a resposta (Foi a Nigéria!) induz ao estupor.

BANHO DE NETOS

JÁ CONTEI PROCÊS QUE, em 1991, minha mulher e eu sofremos um grave acidente de carro. Fiz uma operação difícil, placas e parafusos ao longo do fêmur esquerdo. Passei a claudicar — um eufemismo bacaninha.

Anos depois, bastante deprimido, eu estava quase deixando a peteca ir pro espaço quando chegaram Os Quatro Cavaleiros do Apocalápis, A Poca Roupa, A Poca Vergonha, criem os neologismos que quiserem: meus netos, Pedro, Joana, Milena e Vinícius. Foi uma paixão devastadora, à primeira vista. E correspondida.

Assim que aprenderam a falar, os quatro — tenho certeza de que há comunicação por telepatia entre as feras — começaram a me chamar de Bidu. Morri de orgulho. Vovó, com muito jeito, procurou esclarecer a origem do apelido. Minha autoestima levou um baque de bola sete, despencando no fundo da caçapa, com direito a rasgão no pano verde:

— Eles acham você parecido com o cachorro do Franjinha, aquele cachorro azul, da Turma da Mônica.

Ora, mas que falta de respeito dessa galera!

Num domingo memorável, comecei a sempre adiada arrumação do escritório. Sou um modesto bibliófilo. Surpresa: os netinhos ofereceram-se entre risadas marotas, pra ajudar na limpeza. Que alegria. Até o cachorro, meu superlabrador Batuque, cúmplice deles em todas as armações, carregava livros *e ria*. Juro que ria. A avó, ao fim de um dia glorioso, organizou, antes da pizza, um banho conjunto, todos em trajes de praia.

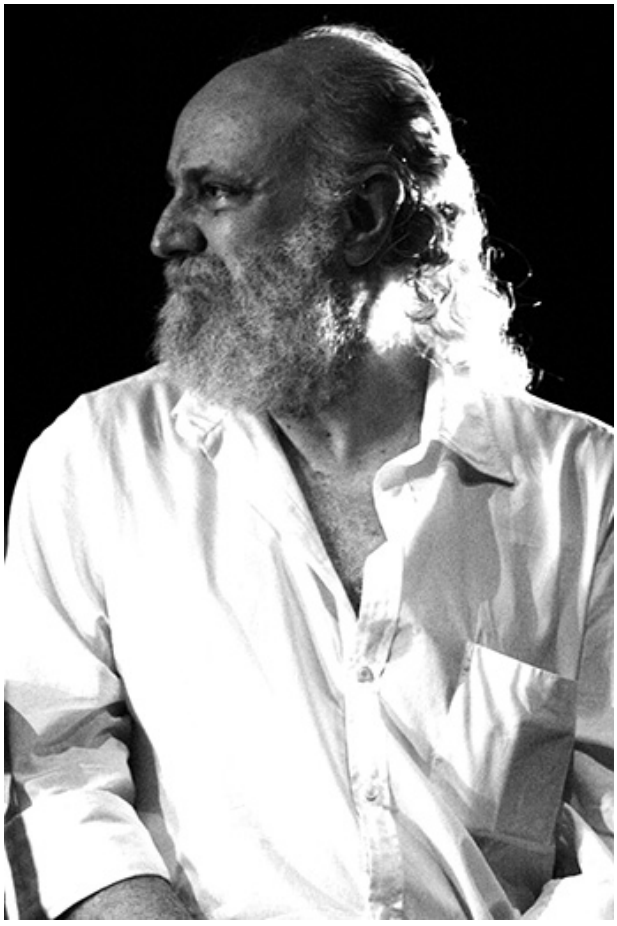
Foi uma bagunça histórica. Meia hora após a orgiástica lustração, voltei ao escritório pra apreciar o trabalho realizado. Eu, além de brilhar feito um ET, exalava um cheiro assaz penetrante. Vovó Mary, quase sem ar de tanto rir, novamente esclareceu a celeuma:

— Eles te deram um banho com o xampu antipulga do Batuque.

Ouvi a explosão de *cinco* risadas nas minhas costas. Cinco, sim. Não errei na conta. Quem mais ria — posso asseverar com a mão direita sobre a Bíblia — era o cachorro, a ponto de rolar no carpete.

Essa vai ter forra.

SOBRE O AUTOR



ALDIR BLANC foi compositor, escritor e médico psiquiatra por formação. Nasceu no Estácio, passou parte da infância em Vila Isabel e viveu até sua morte na Muda, Tijuca. Foi parceiro de diversos compositores da música brasileira como Guinga, Moacyr Luz e Paulinho da Viola. Além de João Bosco, parceiro com quem mais compôs e com quem recebeu o Prêmio Shell de Música de 2004, pelo conjunto da obra dos dois. Publicou, entre outros, os livros "Rua dos Artistas e Transversais" (Ediouro, 2006), ″Brasil passado a sujo″ (Geração Editorial, 1993) e "Um Cara bacana na 19ª" (Record, 1996). Para adolescentes, ″Uma caixinha de surpresas″ (Rocco, 2010) e para crianças, "Cantigas do Vô Bidu (Lazuli, 2011). Integrou a redação do Pasquim e publicou pela Codecri os livros "Rua dos Artistas" (1978) e "Porta

de Tinturaria" (1981). Foi colunista dos jornais JB, O Dia e O Globo. Faleceu em 4 de maio de 2020.

COLEÇÃO ALDIR70

Aldir Blanc

REVISÃO
Fal Vitiello de Azevedo

DESIGN E DESENVOLVIMENTO
Patrícia Oliveira

© 2020 MV Serviços e Editora
Todos os direitos reservados.

R. Teotonio Regadas, 26 – 904 – Lapa – Rio de Janeiro
www.morula.com.br • contato@morula.com.br

CONHEÇA OS LIVROS DA COLEÇÃO ALDIR 70

Rua dos Artistas e arredores

Aldir Blanc

ISBN: 978-85-65679-54-1

217 páginas

[Compre agora e leia]

Rua dos Artistas e arredores teve sua primeira edição em 1978, lançado pela editora do jornal *O Pasquim*, a Codecri. Ainda na Codecri a obra ganhou duas reedições, sendo ainda reeditado pelo Círculo do Livro em 1980. O livro reúne textos publicados n'*O Pasquim*, a partir da primeira contribuição de Aldir, no Natal de 1975, com a crônica "Fimose de Natal". Selecionados e organizados pelo próprio autor, contam histórias de personagens que habitaram sua Vila Isabel, precisamente a Rua dos Artistas, onde viveu até os 11 anos.

O gabinete do doutor Blanc: sobre jazz, literatura e outros improvisos

Aldir Blanc
ISBN: 978-85-65679-53-4
118 páginas

[Compre agora e leia]

O gabinete do doutor Blanc: sobre jazz, literatura e outros improvisos reúne textos sobre jazz e literatura publicado por Aldir no site no.com no

início dos anos 2000, inéditos em livro. Na obra o leitor tem contato com um Aldir amante de música e voraz leitor de livros policiais. Os textos, no entanto, não fogem das características mais marcantes de seu autor: são ácidos, repletos de ironias e trocadilhos no clássico estilo de Aldir.

Porta de tinturaria

Aldir Blanc

ISBN: 978-85-65679-59-6
236 páginas

[Compre agora e leia]

Porta de tinturaria também teve sua primeira edição pela Codecri, em 1981. A obra reúne crônicas do *Pasquim*, mas para a edição da **mórula** mais seis textos publicados originalmente no jornal foram incluídos. Reproduzimos também a orelha escrita pelo compositor Paulo Emílio da Costa Leite para a

primeira edição. As crônicas trazem personagens já conhecidos dos leitores de Aldir: Ceceu Rico, Esmeraldo “Simpatia-é-quase-amor”, Walcyrzinho, Vó Noêmia e Vô Aguiar, Lindauro e Isolda (Deysinha para os íntimos), Waldyr Iapetec, Cicinha, Ambrósio e outros tantos que passaram pela Vila Isabel de Aldir Blanc.

Vila Isabel, inventário da infância

Aldir Blanc
ISBN: 978-85-65679-65-7
90 páginas

[Compre agora e leia]

Vila Isabel, inventário da infância foi publicado em 1996 pela Relume-Dumará, pela série Cantos do Rio. Para a edição da mórula, além do texto original, foram incluídas 13 crônicas escritas por Aldir Blanc sobre a sua Vila Isabel, cravada na Rua dos Artistas. Este Inventário do compositor, escritor

e psiquiatra nada mais é do que uma espécie de álbum de recordações. Nele estão a lua cheia refletida na caixa d'água, as leituras que fazia de cima da goiabeira no quintal de casa, as brincadeiras de criança, os personagens de casa e da rua. Uma tentativa de reencontro com a infância, a memória acumulada, as alegrias e fracassos, os sonhos realizados — ou não. A apresentação desta nova edição é de Luiz Antonio Simas. O historiador, também um cronista do Rio que pulsa na Zona Norte, garante que não sabe se é o menino Aldir Blanc que vive em Vila Isabel, ou se é a Vila Isabel que vive no Aldir. E conclui, para desespero dos leitores: "Aldir vive na Vila, a Vila vive no Aldir e o Rio de Janeiro, daqui a pouco, periga não viver em coisa nenhuma, pelo andar da carroça em que nos meteram".

Direto do balcão

Aldir Blanc

ISBN: 978-85-65679-63-3

235 páginas

[Compre agora e leia]

Direto do balcão reúne textos inéditos em livro publicados nos últimos vinte anos pelo autor em jornais e revistas. Temos um Aldir Blanc que fala de bares (“O buteco é o último reduto das palavras”), de personagens (que vão de Alfredinho Bip-Bip, passando por Betinho, Paulo César Pinheiro, Wilson

das Neves, Nei Lopes, Hermínio Bello de Carvalho e por aí vai), de política, de futebol, de música e da paixão de ser avô.

São as editoras independentes que garantem
que títulos como esse cheguem até você.
Ajude a **mórula** a continuar esse trabalho.
Adquira nossos livros:

www.morula.com.br

mórula
EDITORIAL